

## **O MUSEU A CÉU ABERTO EM “ANOS 70 BAHIA”: A CIBERINFORMATIZAÇÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DA ESCRILEITURA**

**Antonio Cláudio da Silva Neto**  
(UNEB – Doutorando)

**José Carlos Felix**  
(UNEB – Professor Adjunto)

INFORMAÇÕES SOBRE AUTORES
<p><b>Antonio Cláudio da Silva Neto</b> é mestre e doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia, UNEB. Possui graduação em Direito pelo atual Centro Universitário UniAGES. Professor do curso Direito da Faculdade AGES de Tucano/BA. Tem experiência na área de Direito, Cultura e Literatura. E-mail: <a href="mailto:antonioclaudio.neto@live.com">antonioclaudio.neto@live.com</a></p> <p><b>José Carlos Felix</b> possui graduação em Letras pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (1998), mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004) e doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2013). Atualmente é professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas de Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura de língua inglesa, cinema e adaptação cinematográfica. E-mail: <a href="mailto:jfelix@uneb.br">jfelix@uneb.br</a></p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Os elementos textuais presentes no livro Anos 70 Bahia, organizado por Luiz Afonso e Sérgio Siqueira (2017), coligem narrativas das memórias de mais de duzentos parceiros-autores que compartilharam suas lembranças referentes às várias experiências acerca da contracultura em território baiano na década de 1970. A elaboração dessa obra inscreve e contempla processos colaborativos que evidenciam fenômenos de criação literária contemporâneos à chamada era da informação, principalmente por terem se estabelecido na rede social Facebook. Como resultado, os organizadores entregam, no formato de livro, uma edição estática dos fragmentos hipermidiáticos utilizados durante sua produção. Assim, o presente trabalho toma o processo de produção do livro e sua materialidade para analisar os processos de ciberinformatização da memória a partir de mecanismos de produção em que os sujeitos atuam, de maneira simultânea, como produtores e consumidores, escritores e leitores, em uma trajetória de produção literária. Para tanto, os conceitos de prosumidores, de Alvin Toffler (1980) e invasores do texto, de Henry Jenkins (2015) serão mobilizados para pensar a questão criticamente.</p>	<p>The textual elements present in the book Anos 70 Bahia, organized by Luiz Afonso and Sérgio Siqueira (2017), collect narratives from the memory of more than two hundred fellow-authors who shared their memoirs regarding experiences concerning the counterculture in Bahia in the 1970s. The making of this work inscribes and encompasses collaborative processes that bring about the phenomena of contemporary literary creation in the so-called information age, as they were mainly produced via the social network Facebook. As a result, the organizers deliver, in book format, a steady edition of the hypermedia fragments used during their production. Thus, the present work departs from the book's productions and its materiality to analyze the processes of cyberinformatization of memory based on production mechanisms in which the subjects act, simultaneously, as producers and consumers, writers and readers, in a trajectory of literary production. In this sense, the concepts of prosumers, by Alvin Toffler (1980) and invaders of the text, by Henry Jenkins (2015), will be used to address the matter critically.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Processos de criação literária; Escrileitura; Ciberespaço.	Literary creation processes; Reading/Writingship; Cyberspace.

## INTRODUÇÃO

O livro *Anos 70 Bahia*, organizado pelos jornalistas baianos Luiz Afonso e Sérgio Siqueira (2017), foi escrito no ambiente virtual por duzentos parceiros-autores, sob a alcunha de “participantes da criação dessa obra”, designada pelos organizadores do projeto. Estruturado a partir de narrativas que compõem partes de comentários realizados em publicações no *Facebook*, feitas em uma página homônima do livro, os depoimentos que alinhavam a teia de memórias recuperam discursivamente uma pletora de fragmentos pessoais da década de 1970, quando os participantes protagonizaram o chamado fenômeno da contracultura em território baiano, período em que o Brasil se encontrava sob a égide da Ditadura Militar. Nesse sentido, as experiências narradas no livro desenham traços estéticos e perspectivas pessoais que, antes de pertencerem ao formato físico, constituíram parte de um processo de ciberinformatização da memória.

O método de construção da obra em comento dispõe de intrínseca relação com o ciberespaço, responsável por especificar “[...] não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.” (LÉVY, 1999, p. 16). Com efeito, os fatores externos ao ambiente virtual concatenam as estratégias combativas em seus modos de produção, isto é, projetos, interesses, comportamentos, são recursos vinculadas às tecnologias de informação, que acabam por intermediar as práticas de criação cultural e seus reflexos na construção da obra literária.

Este trabalho analisa o processo de escrita coletiva no ciberespaço do livro *Anos 70 Bahia*, responsável pela construção de um acervo transmidiático acerca da contracultura dos anos 1970 em território baiano, formando um “museu a céu aberto” no ambiente digital, aspectos que serão embasados nos conceitos de prosumidores, de Alvin Toffler (1980) e invasores do texto, de Henry Jenkins (2015), resultante da mescla do ofício de produtor e consumidor no mesmo indivíduo, tendo em vista que os sujeitos estão consumindo fragmentos em constantes atualizações textuais, convertendo a discussão em processos de esrileituras.

## 1 MOTIVAÇÕES VERTIGENOSAS NO CIBERESPAÇO

Em “Pura Vertigem”, texto de introdução ao conteúdo do livro *Anos 70 Bahia*, Luiz Afonso e Sérgio Siqueira têm o cuidado de apresentar o impulso que responsabiliza a idealização desse projeto. Para eles, “[...] as fagulhas provocadoras saltaram das postagens na página *Anos 70 Bahia*, que criamos no Facebook movidos pelo desabafo do escritor, jornalista e acadêmico Florisvaldo Mattos, para quem ‘falta vertigem na cultura baiana.’”

(AFONSO; SIQUEIRA, 2017, p. 11). Tal contexto de insatisfação remete ao tempo presente, situa-se no panorama cultural da Bahia e elenca os critérios de comparação entre a atualidade e a década de 1970, com relação à efervescência dos modos de vida, fazeres artísticos, mobilizações políticas e tudo quanto possível de caracterizar tal período como uma “época vertiginosa”. O fragmento transcrito, “falta vertigem na cultura”, pelos autores, ao denunciar uma ausência de movimentos ativos em determinado cenário, promoveu a proximidade entre interlocutores que se dispuseram a escrever a história.

Esses contornos evidenciam que o liame movedor da produção do livro parte do acesso à memória, posto que, ao constatar a citada ausência de vertigem, é necessário elencar parâmetros capazes de indicar outras formas de acontecimentos relativos à inércia reclamada. Nesse sentido, as experiências adquiridas pelos sujeitos, enquanto vivenciavam as agitações dos anos de 1970 presentes nas narrativas analisadas, os legitimam diante da percepção desses diferentes modos de existências e manifestações artísticas, intelectuais e místicas, bem como torna possível constatar as transformações sociais decorrentes de aspectos políticos, econômicos e culturais, propícias ao despertar os sentimentos saudosistas que estes demonstram sentir.

Exposta a mola propulsora do livro em comento, ainda na introdução, os organizadores explicam que “[...] tudo começou como uma brincadeira e foi crescendo, crescendo e inspirando evocações e narrativas de uma década vertiginosa na Bahia.” (AFONSO; SIQUEIRA, 2017, p. 11). Após a já analisada provocação de Florisvaldo Mattos, os jornalistas responsáveis pela organização da obra registraram no corpo do texto a criação de uma página na rede social *Facebook*, a qual nomearam “Anos setenta Bahia” (Figura 1), no intuito de criar um espaço para compartilhar saberes, experiências e curiosidades sobre esse período histórico em território baiano, o que “[...] despertou os protagonistas dos anos loucos. Eles ressurgem e resgatam histórias e imagens da década que levou ao extremo a irrupção da contracultura iniciada nos anos 60.” (AFONSO; SIQUEIRA, 2017, p. 11). O local virtual criou um ponto de encontro para acessar a memória coletiva e desenvolver narrativas expansivas, tanto pela plataforma em que foram desenvolvidas quanto pela multiplicidade da autoria com caráter de simultaneidade.

**Figura 1 – Página “Anos setenta Bahia” no Facebook**



Fonte: Site Facebook<sup>1</sup>

Criado em fevereiro de 2004, o *Facebook* funciona como uma plataforma de relações que se estabelecem diretamente através do ciberespaço. Trata-se de um site de redes sociais, que, segundo Raquel Recuero (2009, p. 102), cria “[...] uma categoria do grupo de softwares sociais, que seriam softwares com aplicação direta para a comunicação mediada por computador.” André Petris Gollner (2011, p. 29), ao verificar tal mecanismo como modificador de hábitos econômicos e culturais, elenca suas principais características, como a possibilidade de disponibilizar dados sobre potenciais consumidores, agrupar indivíduos que partilham de comuns interesses e gerar mídia espontânea a partir dos próprios usuários – esses pontos são responsáveis por intuir a criação de um perfil cooperativo ou uma *fan page*.

Nesse tipo de suporte, ao criar uma página, os administradores iniciam suas trajetórias em busca de seguidores, que serão os responsáveis por curtir, reagir, comentar e compartilhar os conteúdos nela disponibilizados. Importa aqui fazer distinção entre páginas e perfis, tendo em vista que este será o administrador daquele, competindo-lhe o cuidado sobre permissões, postagens, compartilhamento etc. O perfil é caracterizado pela interface do sujeito enquanto usuário daquele espaço, que precisa realizar uma inscrição para fazer parte da plataforma, registrando um nome próprio a título de representação e reconhecimento. De modo semelhante acontece com a *fan page*, geralmente utilizada como identificadoras de instituições, corporações, celebridades e projetos sociais, culturais etc. Qualquer usuário pode acompanhar os conteúdos das páginas, através do botão curtir, mas, para ter acesso aos outros perfis, um deles precisa enviar uma solicitação de amizade, devendo o outro aceitar o convite, oportunidade em que se tornam “amigos” nessa rede

<sup>1</sup>ANOS setenta Bahia. Disponível em: <https://www.facebook.com/Anos-Setenta-Bahia-1893420804246067/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

social.

Durante a pesquisa documental relativa a esse objeto, o mecanismo de busca próprio da plataforma indicou dois resultados principais (Figura 2): o primeiro deles, um perfil nomeado “Anos setenta Bahia”; o segundo, uma página com o mesmo nome. Como os organizadores anunciaram que o conteúdo do livro resultou das interações na página criada por eles, buscamos seu acesso, em janeiro de 2019, intuídos por um estudo comparativo entre os suportes, mas não havia nenhum resquício do que foi propagado. Embora conste que pouco mais de duas mil e quinhentas pessoas a curtiram, tão somente foi encontrada a foto do perfil, ilustrada por uma bandeira rasgada com um desenho de uma caveira, e a foto da capa, em formato retangular, onde uma senhora com o corpo coberto está deitada em uma cadeira na calçada, ambas foram atualizadas no dia 30 de julho de 2017, ou seja, no final do primeiro semestre em que ocorreu o lançamento do produto, no dia 4 de abril.

**Figura 2 – Resultado da busca “Anos setenta Bahia” no Facebook**



Fonte: Site Facebook.

A segunda tentativa conduziu o estudo ao alcance do que pretendia; estavam no perfil todas as fotografias que ilustram as páginas do livro. Decerto que fora necessário esperar a aprovação do convite para ter acesso ao acervo disponibilizado na íntegra. Destarte, isso não significa afirmar que a página citada não foi utilizada no processo de produção, pois ainda que constatada a existência e a ausência do conteúdo, esse pode ter sido retirado da interface, ou através do arquivamento, funcionalidade em que apenas o administrador passa a ter acesso às publicações, ou por intermédio da exclusão, quando são retiradas definitivamente do site. Em busca de estabelecer as relações necessárias nos entraves deste trabalho, teremos como foco o perfil “Anos setenta Bahia” com a finalidade de realizar estudos comparativos entre as mídias e os suportes utilizados na produção do

objeto, e ainda analisar os processos de construção das narrativas expansivas no ciberespaço.

## 2 PROSUMIDORES DE UM MUSEU A CÉU ABERTO

As publicações de “Anos setenta Bahia”, logo de início, alcançaram calorosa repercussão no Facebook entre os viventes e simpatizantes desse contexto histórico-cultural. Segundo Luiz Afonso e Sérgio Siqueira, tal fato desdobrou-se na ideia de materializar essa experiência em um livro produzido online, escrito com a contribuição de qualquer usuário que se dispusesse a isso, tanto através dos acervos documentais pessoais quanto com narrativas empíricas, quando arquitetaram “[...] episódio a episódio, com a participação ativa dos colaboradores e seguidores da página, alçados a coautores, tendo como ancoragem os relatos e imagens colhidos em livros, mídias, depoimentos pessoais e postagens que fluíram em enxurrada.” (2017, p. 11). Quando finalizado, foram contabilizados duzentos “parceiros-escritores”, intencionados em demonstrar a pluralidade de modos de vida e fazeres artísticos que marcaram o contexto retratado, ainda que diante de um regime antidemocrático, como de valorada agitação cultural.

Os autores também explicam que o processo de captação desses elementos durou cerca de cinco meses. No decorrer desse período, eram de suas competências as postagens realizadas em curtos intervalos de tempo, tomando por base uma prévia organização capitular da obra. O que significa situar a produção desta em, inicialmente, interações na página criada na rede social *Facebook*, motivados pelo desabafo de Florisvaldo Mattos, posteriormente, o agito do começo desse projeto já os fizeram planejar a produção editorial. Ainda antes de ter acesso aos resultados, tais narrativas já estavam sendo conduzidas diante da idealização de transpor as múltiplas linguagens, utilizadas no intuito de fomentar os debates entre os interlocutores voluntários, para o formato do livro. Consequentemente, à medida que os coautores acessam o conteúdo disponibilizado para gerar novos conteúdos, figuram também como consumidores.

O modelo de escrita colaborativa adotado no processo de constituição do livro suscita participação ativa do usuário, que necessariamente precisa agir com *animus* de continuidade, uma vez que a narrativa dependerá das manifestações de todos os envolvidos. Embora não se trate de característica exclusiva do ciberespaço, tal modo de construir tende a promover decisivos movimentos quando se volta para sua utilização. Nesse sentido, Pierre Lévy (1999, p. 136) afirma que “[...] a obra virtual é ‘aberta’ por construção”, ou seja, à medida que o processo é atualizado, novos aspectos são descortinados, eventos sucessivos são alertados sob a dimensão maquinária em possíveis concepções, alterações e revogações referentes aos novos andamentos adquiridos em sua

realização. Atribuímos a isso o comando administrado através de fases, de momentos distintos, fragmentos, constructos pelos quais as fusões se interpenetram no seio das publicações.

No panorama de construção do livro *Anos 70 Bahia*, autores e coautores, em contato com todas as aberturas da obra, se tornaram os responsáveis pelas atualizações da mesma. Por essa razão, é possível demarcar o papel desses usuários como prosumidores – em inglês, *prosumer* –, conceito elaborado por Alvin Toffler (1980), por meio da combinação dos termos produtores e consumidores, indicando alterações nos comportamentos de produção e consumo dos bens e serviços. O autor contextualiza historicamente o surgimento da expressão a partir da era industrial, durante a efervescência do fordismo, diante da ausência de opções consumeristas para as massas, obrigando os consumidores a produzir o que esperavam de diferente. O pináculo desse movimento é atingido com o crescimento do “*do it yourself*” (em português, “faça você mesmo”) em território norte-americano.

Nos dias atuais, é possível ressignificar a utilização desse neologismo, prosumidor, para designar usuários que se valem do ciberespaço a fim de produzir obras virtualmente. Para a pesquisadora Danielle Socorro Rachid Viana, predecessora nessa discussão, “[...] o prosumidor deixa de ser aquele que apenas constrói e efetua produtos e serviços para tornar-se aquele que consome, constrói e difunde opiniões sobre o que consome.” (VIANA, 2018, p. 53). A reflexão da autora auxilia a pensar o livro produzido no *Facebook* como narrativas de opinião, imergindo os usuários ativos no processo em mídias de diferentes linguagens, conduzindo-os à construção de novos fragmentos. Assim, os participantes colaboradores dessa produção estiveram a consumir e produzir linguagens.

Essas compreensões possibilitam classificar os sujeitos envolvidos no processo de composição da obra em análise como prosumidores do texto, o que pode ser contextualizado através do escritor como produtor e do leitor como consumidor, abarcando a ideia de outro neologismo para complementar as observações anteriores, o “*escreleitor*”. Segundo Adair de Aguiar Neitzel (2002, p. 9, rodapé), não existe consenso quanto à origem do termo, pois apesar de “[...] Arnaud Gillot declarar que ele foi criado em português, em 1992, em Lisboa na tese de Pedro Barbosa intitulada *Criação literária e computador*, Julia Kristeva em *Sémiotique*, cuja primeira edição data de 1968, utilizava o termo *écriture-lecture* com a mesma acepção de *écrilecture*.” Para Kristeva, o conceito pode ser utilizado para dimensionar usuários de postura multivalente e coautoria, perante um sistema de satisfação escrita-pela-leitura ou leitura-pela-escrita.

Dentre as características dos processos compositivos de obras virtuais, Pierre Lévy aponta inicialmente para a *participação*, legitimado, nesse caso, por transcender o que chamou de construção de sentido, sendo responsável por intervir diretamente nos

mecanismos de produção no trânsito criativo. O partícipe se desloca da visualização para se tornar coprodutor da obra, pois interfere na materialização, exibição, edição e no “[...] desenrolar efetivo aqui e agora de uma sequência de signos ou de acontecimentos.” (LÉVY, 1999, p. 36). No mesmo sentido, essa participação demanda *colaboração*. A obra tem sua feitura iniciada por um artista, em seguida, iniciam-se as oportunas contribuições por intermédio dos demais partícipes, dando seguimento a uma rede de produtores desse objeto, interligados por um sistema virtual, o que atribui à criação um caráter continuativo, ou seja, existe um devir que os acompanha.

A participação e a colaboração constituem-se assim como elementos fundamentais ao ofício do escritor, pois, afinal, articulam e orquestram a existência e condução do texto. Com base nesses princípios, a obra torna-se a materialidade de constantes interpenetrações de linguagens em suas diferentes fases de composição. Durante a construção do livro, no ambiente virtual, o momento que antecede e sucede uma narrativa rápida, em trânsito, não teme a responsabilidade do próximo instante literário. O texto se encontrará fixo à possibilidade de ser deletado com certa facilidade, ao mesmo tempo em que não estará fixado ou finalizado. Trata-se de uma obra fragmentada em instantes textuais e hipertextuais, ou seja, a epítome de uma obra aberto no sentido posto por Eco. O momento fixo traduz-se no comentário paginado em um suporte impresso, gerando o movimento do prosumidor tão somente de sentidos, pois, se considerada a obra entregue como pronta, novas significações lhe podem ser atribuídas a partir da subjetividade do leitor.

### 3 INVASÃO AO TEXTO DESTERRITORIALIZADO

No instante em que o escritor acessa a obra em construção e adiciona percepções ao que está sendo proposto, personifica uma produção ativa e capaz de manipular os sentidos então representados. Esse fenômeno pode ser observado na produção do livro *Anos 70 Bahia*, através das publicações realizadas no *Facebook*. Diante da publicação de uma fotografia, os usuários passavam a interagir (Figura 3), através de “reações”, já que o botão “curtir” passou a dividir espaço com as caricaturas de “amei”, “engraçado”, “triste” ou “raiva”, e com as possibilidades de “compartilhar” e “comentar” os *posts*. A última função, “comentar”, certamente assinala a dimensão mais imperativa para o que foi proposto, pois tem a finalidade de registrar fragmentos textuais escritos, espaço que, para cada postagem, admite comentários ilimitados, e, além disso, pode criar diálogos sequenciais ao conteúdo e aos próprios comentários.

### Figura 3 – Publicação no perfil “Anos setenta Bahia”



Fonte: Site Facebook.

Ao interferir diretamente nos recursos visuais e nos comentários dos demais partícipes, um escritor de “Anos setenta Bahia”, além de consumir tais linguagens, movimenta sua memória a ocupar novos espaços, em que as relações entre experiência e escrita sancionam o devir do texto. Além disso, como figuram no mesmo sujeito, e em tantos outros ao mesmo tempo, leitores e escritores lançam mão da posse do conteúdo. A escrita coletiva permite ao usuário transitar entre os espaços gestados por meio de suas contribuições, em um mover que o caracteriza como transeunte do que está sendo produzido. O colaborador assume o papel de invasor do texto, conceito materializado por Henry Jenkins (2015, p. 43), a partir da leitura de Michel de Certeau (1994, p. 269 apud BARBACHAN, 2016, p. 17) para quem “[...] os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los.” Mediante ao exposto, constatamos que Jenkins volta sua atenção para analisar os movimentos de desterritorialização do texto.

Embora essa perspectiva estabelecida por Jenkins (2015) derive dos seus estudos acerca do comportamento dos fãs, claros liames se entrelaçam à dinâmica virtual dos processos de criação aos quais estamos nos dedicando. Para o autor, os invasores do texto são os fãs que reescrevem histórias de suas admirações, tanto pela insatisfação quanto pelo entretenimento complementar, por exemplo, o sujeito que não gostou do final do filme da sua saga favorita se dispõe a escrever um novo desfecho, no sistema de *fanfic*, termo resultante de uma ficção do fã. Nesse sentido, ao considerar o *fandom* como um grupo de indivíduos que se unem a partir de elementos espirituais decorrentes de seus entusiasmos, é possível encontrar nos colaboradores da obra em estudo determinadas disposições que se encaixam nesse conceito. Assim, os escritores invadem o texto através dos comentários que compõem as redes sociais estabelecidas durante essas construções. Isso

leva ao entendimento de que, por ser composto de narrativas de opiniões, o livro pode se firmar como uma *fanfic* dos anos de 1970 na Bahia.

O processo de reescrita de um leitor que exerce a função de mero receptor não ultrapassa as complexas relações do pensar as escrituras através das suas interpretações. Diferentemente, o texto virtual possui território sensível aos movimentos que lhes são atribuídos de modo concreto, pois permite complementações substanciais em termos de resultados passíveis de verificação por outros sujeitos que participam das ações. Os escritores desse formato se veem diante da criação de “conteúdos gerados pelos usuários” ou “mídia gerada pelo consumidor”, termos extraídos dos estudos de mídia da organização nacional *Internet Advertising Bureau* (em tradução livre: Internet Agência de Publicidade), que os conceituam como “[...] qualquer material criado e disponibilizado na Internet por um não profissional de mídia.” (IAB, 2019, p. 1). Desse modo, importa mencionar que não há a necessidade de conhecimentos técnicos aprofundados para interagir no *Facebook*, a própria interface cuida de auxiliar os usuários em suas execuções.

Os comandos dos invasores de texto no decorrer da composição de *Anos 70 Bahia* são responsáveis pela hipertextualização do seu processo de construção, pois a possibilidade de os usuários compartilharem outras mídias nessas invasões adiciona importantes recursos imagéticos ao que está sendo proposto. Se, por um lado, os organizadores almejavam compilar experiências voltadas à rememoração dos anos de ouro na cultura baiana através de um livro, os escritores traçaram seus trajetos adicionando recursos de diferentes suportes a partir dos que lhes eram apresentados. Assim, a hipertextualização contempla um movimento constante de alteração e adição aos fragmentos, “[...] no sentido em que produz, a partir de um texto inicial, uma reserva textual e instrumentos de composição graças aos quais um navegador poderá projetar uma quantidade de outros textos.” (LÉVY, 1996, p. 41). Quem conta sua história registra seus sentimentos ou adiciona novas mídias nas narrativas em construção, age com admiração ao espetáculo que defende visualizar no lastro histórico retratado na obra.

As colaborações que são efetivadas no processo de hipertextualização da produção de conteúdo para a obra, através dos comentários das postagens de “Anos setenta Bahia”, com diferentes elementos visuais, derivam do repertório pessoal de cada um dos seus escritores. Além de expandir a narrativa, a disposição de imagens, vídeos e demais documentos relativos ao período retratado, contribuem para a composição de um acervo que é parcialmente editado no resultado final do livro, em que as páginas estão pretensamente organizadas em simulação à interface que lhe concebeu a existência (Figura 3). As diferentes mídias utilizadas para contar a história se atrelam e sensorialmente criam uma literatura virtual, embora física, provocando a sensação de estar no *Facebook* apenas ao clicar nas fotografias e ao ler todos os comentários que nelas foram deixados.

**Figura 3 – Página do livro *Anos 70 Bahia***

Fonte: *Anos 70 Bahia*, 2017

A multiplicidade de mídias distintas utilizadas para contar essa história é uma das características da chamada cultura da convergência, conceito criado por Jenkins para se referir ao atual momento dos mecanismos de produção das narrativas virtuais. Segundo ele, a “[...] circulação de conteúdos – por meio de diferentes sistemas de mídia, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais – depende fortemente da participação ativa dos consumidores.” (JENKINS, 2008, p. 27). Dessa forma, além de apontar a união de diversos recursos dentro dos mesmos aparelhos, alerta para as transformações culturais na forma de consumo dessas novas mídias, quando o usuário se vê diante da necessidade de buscar novas informações e estabelecer conexões entre as dispersões dos conteúdos. A função dos organizadores da obra não difere desse movimento, posto a responsabilidade de selecionar fragmentos responsáveis por criar a atmosfera de representação da narrativa.

A cultura da convergência caracteriza o cotidiano da construção do livro *Anos 70 Bahia* também pelo processo de cultura participativa, oportunidade em que os escritores invadem o texto com a inserção de diferentes recursos midiáticos, formulando conexões distintas e diálogos entre as fontes, ou seja, por meio de seus acervos pessoais. Ao levar em consideração que a motivação para a obra existir se relaciona com o olhar a memória, a disposição de fotos, vídeos, canções, reportagens, ilustrações – elementos capazes de compor uma narrativa para a saudade, tanto nas postagens de “Anos setenta Bahia” como

na dos usuários que participaram da construção do texto – compõem um acervo da contracultura baiana da década de 1970 no ciberespaço, contexto posteriormente transportado à publicação em formato livresco, quando os partícipes concluem momentaneamente uma escrita infinita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto analisado, a interface *Facebook* se mostra um espaço propício para prosumidores de acervos digitais, suscitando uma vertente museológica demarcada através da preocupação com a lembrança e da identificação de objetos para representar o que se pretende expor. Assim, enquanto uma publicação apresenta um elemento visual capaz de satisfazer os interesses do usuário que chega até o site, este se torna legítimo ao adicionar novos recursos de modo a alimentar o sistema, que se estabelece através desse movimento. Por isso, para Marcelo Bernardo da Cunha (2018, p. 118), o museu pode ser entendido como uma “[...] instituição encarregada de fazer lembrar, e, assim, impedir, na medida do possível, que o esquecimento tome conta das pessoas, definindo quais objetos podem identificar este ou aquele grupo”. Isso leva à compreensão de que o espaço virtual “Anos setenta Bahia” pode ser consumido como um museu virtual, ou, metaforicamente, um “museu a céu aberto”.

Analisado o processo de construção do livro *Anos 70 Bahia*, duas dimensões chamam a atenção. Inicialmente, os sujeitos envolvidos na produção do livro assumem papéis tanto de escritores produtores como de leitores consumidores. Ao considerar a primeira etapa dessas construções textuais, quando o usuário se dispõe a participar do contexto da criação coletiva, ele antecipa e modifica sua forma de consumo para com o livro. Antes de ser escritor de um produto literário editado e publicado, ele o é de uma obra aberta, assumindo o ofício de um escreitor. Isso não o exonera de exercer, durante esse trajeto, o papel de prosumidor do acervo digital. Assim, quando esses coautores têm acesso à obra literária final, tanto através de um suporte físico quanto virtual, em formato de e-book, por exemplo, iniciam um novo movimento de escreitura, mas agora em suas subjetividades.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Luiz; SIQUEIRA, Sergio. **Anos 70 Bahia**. Salvador: Corrupio, 2017.

BARBACHAN, Andressa Nadvorny. **Levando o fã a sério**: estudos de fandom aplicados às relações públicas. 2016. 77 p. Monografia (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CUNHA, Marcelo Bernardo da. A exposição museológica como estratégia comunicacional: o tratamento museológico de herança patrimonial. **Revista Magistro**: revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade Unigranrio, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 109-120, Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1062/624>. Acesso em 20 dez. 2018.

ECO, Humberto. **Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

IAB. Internet Advertising Bureau. Platform Status Report: UGC, Social Media and Advertising An Overview. Disponível em: <https://www.iab.com/>. Acesso em 12 abr. 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

JENKINS, Henry. **Invasores do Texto**: fãs e cultura participativa. Tradução Érico Assis. Rio de Janeiro: Marsupial Editora, 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

NEITZEL, Adair de Aguiar. **O jogo das construções hipertextuais**: Cortázar, Calvino e Tristessa. 2002. 322 p. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Tradução João Tavora. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

VIANA, Danielle Socorro. **Círio de Nazaré 2017**: análise da página oficial no Facebook. 2018. 92 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagem e Cultura) – Departamento de Comunicação, Universidade da Amazônia, Belém.



Título em inglês:  
THE OPEN HEAVEN MUSEUM IN “BAHIA 70 ANOS”  
THE CYBERINFORMATIZATION OF MEMORY  
FROM READING/WRITINGSHIP

INVENTÁRIO